

Rossi rebate críticas

Para ele, instalação de indústrias no DF visa beneficiar toda a sociedade

Definindo a região geoeconômica de Brasília como "a Grande Brasília", para ele, "a forma mais adequada de se expressar a importância da cidade no Brasil Central" e conclamando o empresariado a evitar o emprego de "forças dispersas, que dificultam a consecução dos objetivos comuns a todos", o presidente da Federação do Comércio de Brasília, Newton Egydio Rossi, rebateu ontem críticas feitas por empresários de Goiás à implantação de indústrias não-poluíntes na área do DF, uma das propostas feitas durante o seminário "Os Novos Rumos da Economia de Brasília", encerrado na última quinta-feira.

Rossi, ressaltando que "não quer polemizar o assunto, porque nossa preocupação é com as soluções para problemas sociais mais sérios que se avizinham e com a consolidação da economia do Distrito Federal", disse acreditar que, após lerem os anais que resultaram do seminário que se encontram em elaboração para serem levados, inclusive, ao governador José Ornellas, os empresários de Goiás "entenderão que o que se propõe não visa beneficiar classes isoladas mas toda a sociedade e, principalmente, a própria economia do Estado".

— Muito mais importante do que as discussões sobre a viabilidade da implantação de indústrias para absorção da mão-de-obra e consolidação da economia de Brasília é o espírito de unidade que deve imperar entre o empresariado. Não se pode discutir apenas problemas isolados, mas um único e importante problema: como se conseguir melhores dias para nosso povo — sugeriu ele, comparando, em seguida, o número de habitantes existentes hoje na "Grande Brasília" com o contingente populacional do Uruguai.

— Atualmente tem-se em toda a área geoeconômica de Brasília, o que prefiro chamar de a Grande Brasília, porque dessa forma se expressa melhor a importância da capital em sua região, 4.208 mil habitantes, um contingente de pessoas muito superior à população de um país, como o Uruguai. E esse já é um dado satisfatório para se observar a importância de tomarmos decisões urgentes de caráter social — advertiu.

— Não se pode pensar pequeno diante do quadro atual de nossa economia, que se reflete diretamente em problemas sociais. Mas, pensar grande. Pensar sobretudo no homem, no ser humano, como a célula mais importante de todo o processo — continuou Rossi, ressaltando sua preocupação com a explosão demográfica que acredita estar ocorrendo em Brasília e que, segundo ele, tende a se acentuar nos próximos anos, com aumento da migração e a entrada no



Newton Rossi: procurando soluções para a "Grande Brasília"

mercado de trabalho dos próprios brasilienses. "Temos 62% de nossa população formada por jovens que desde já precisam de trabalho. Anualmente, contamos com uma oferta de mão-de-obra em torno de 30 mil jovens por ano e precisamos abrir oportunidades de emprego para essa gente, porque são nossos filhos que procuram sua profissionalização, o que lhes é de direito", justificou.

INFORMÁTICA

Além do aspecto social da proposta levantada a partir de dois anos atrás pelos empresários brasilienses e enfatizada durante o seminário, Newton Rossi aponta também a necessidade de criação de facilidades para os consumidores, justificando que hoje a maior parte de produtos comercializados na cidade sofre os efeitos dos custos de transporte, que "podem elevar ao dobro o valor das mercadorias". As vezes o frete de transporte de um produto de áreas industriais, como Rio e São Paulo, sai mais caro que o próprio produto — acrescenta ainda, citando a posição privilegiada de Brasília como um dos fatores favoráveis à industrialização periférica, que poderia ter todo o mercado nacional em sua linha de alcance.

O presidente da Federação do Comércio de Brasília refuta, entretanto, que a idéia de criar indústrias nas áreas circunvizinhas de Brasília representa "um estímulo à migração ou à criação de problemas como a poluição" porque a proposta sugere a abertura de espaços à indústria microeletrônica e informática, segundo ele, capaz de absorver grande parte dos jovens profissionais que estão se formando na cidade, operários que estão ficando sem emprego com o arrefecimento da construção civil e de assegurar a consolidação da economia do DF — condição para que se preserve, paralelamente, a cidade como centro administrativo do país — sem os riscos de ameaças ambientais.

Segundo Rossi, essa proposta já recebeu, inclusive, apoio de grupos empresariais nacionais e estrangeiros interessados no desenvolvimento da indústria da informática. "É impressionante o número de telefonemas que venho recebendo de indústrias e até de embaixadas interessadas em apresentar projetos ou fornecer equipamentos e infraestrutura para a criação de uma indústria "branca", como se define a industrialização não-poluente, depois da repercussão obtida pelo seminário sobre os novos rumos da econo-

mia de Brasília".

REPRESENTAÇÃO

Ele lamenta, entretanto, a falta de um órgão oficial que possa estudar o assunto dentro do ponto de vista empresarial e social, revelando a existência de apenas um Núcleo de Comércio e Indústria dentro da Secretaria de Agricultura, o que, para ele, "é insuficiente para atender às reivindicações e propostas da classe empresarial, que pelo que já fez em nome do desenvolvimento de Brasília merece um órgão a nível de secretaria".

Rossi lembra a criação da Secretaria de Indústria e Comércio de Goiás afirmando que o órgão foi criado "exatamente porque os empresários goianos se reuniram e sensibilizaram o Governo do Estado no sentido de valorizar sua participação na busca de soluções para problemas da sociedade. Foi uma vitória do empresariado" — comenta, revelando que a economia no Goiás recebeu um novo impulso depois da criação do órgão, dirigido hoje pelo ex-presidente da Associação Comercial de Goiânia.

O presidente da Federação defende também que se crie a Secretaria de Indústria e Comércio "doutrinaria a expansão da indústria em Brasília, evitando que essa ocupasse espaços indevidos e orientando o empresariado no sentido de valorizar o trabalhador, atraindo os contingentes migratórios e preservando o Plano Piloto e áreas próximas contra o congestionamento urbano".

TURISMO

Rossi, insistindo em chamar a geoeconômica de Brasília de "A Grande Brasília", acha que somente se resolverá problemas econômicos e sociais do DF e do Estado de Goiás se houver unidade em torno do empresariado. "Não há sentido em se promover lutas estérteis, quando o resultado que se procura deve beneficiar a todos", conclama ele, insistindo em afirmar que, após tomarem conhecimento dos anais do seminário, os empresários goianos entenderão que a proposta de criação de uma Secretaria de Indústria e Comércio visa beneficiar a eles próprios e a todos "os que se mostram preocupados com o desenvolvimento de nosso povo".

Finaliza assegurando que, com a criação do órgão o empresariado brasiliense passaria a contar com uma maior representatividade junto ao Governo, o que favoreceria os estudos sobre novas iniciativas destinadas a consolidar a economia do DF, como a implantação de uma política sobre o aproveitamento do turismo em Brasília, que ele vê mal explorado.